

O Efeito V2 na história do espanhol e português europeus

The V2 order in the history of European Spanish and Portuguese

Carlos Felipe Pinto *

Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil

André Luis Antonelli **

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil

Resumo: Abordamos a perda do efeito V2 na história do espanhol e do português europeus. Para isso, discutimos o que entendemos como língua V2, assumindo que efeito V2 implica em movimento do verbo para CP; apresentamos os argumentos que nos levam a analisar o espanhol antigo e o português antigo e clássico como línguas V2 e as possíveis causas das mudanças linguísticas; por fim, fazemos algumas considerações sobre como o contato de línguas na Península Ibérica pode ter influenciado na mudança linguística nas duas línguas.

Palavras-chave: Ordem de constituintes. Efeito V2. Mudança linguística.

Abstract: We approach the loss of the V2 effect in the history of Spanish and European Portuguese. In this context, we discuss what we understand as Verb Second, assuming that the V2 order involves verb movement to CP. We then argue why we analyze Old Spanish as well as Old and Classical Portuguese as V2 languages and present possible causes of such language change. Finally, we comment on how language contact in Iberia may have influenced language change in both languages.

* Professor do Departamento de Letras Românicas da Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, Bahia, Brasil; cfpinto@ufba.br.

** Professor do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas – UFPel, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil; andre.antonelli@ufpel.edu.br.

Keywords: Word order. Verb second; Language change.

1 INTRODUÇÃO¹

A partir dos anos 80 com o desenvolvimento da Teoria de Princípios e Parâmetros por Chomsky (1981, 1986) e os trabalhos pioneiros de Lightfoot (1979, 1991) procurando explicar a mudança linguística dentro do quadro mentalista da gramática gerativa, vários estudos foram desenvolvidos para descrever e explicar a mudança linguística (em especial a mudança sintática) em diferentes línguas. No âmbito dos estudos sobre as línguas românicas, um enfoque especial tem sido dado às diferenças entre as fases antigas e as fases modernas no que diz respeito à sintaxe da ordem de palavras e à posição do verbo finito na sentença. Uma hipótese amplamente defendida é a de que as línguas românicas antigas, em contraposição às variedades modernas, se comportavam como línguas V2, à semelhança das línguas germânicas atuais (Adams, 1987 para o francês; Fontana, 1993 para o espanhol; Ribeiro, 1995 para o português)².

O objetivo do nosso trabalho é fazer uma síntese da perda do efeito V2 na história do espanhol e do português e levantar uma questão que deverá ser desenvolvida com bastante cautela em trabalhos futuros. Neste sentido, procuramos levantar o problema de como a diacronia do espanhol e do português se inter-relacionam no que diz respeito ao efeito V2. Nossa hipótese inicial é que, considerando os intensos contatos que a sociedade espanhola e a sociedade portuguesa mantiveram na idade média, a mudança gramatical do espanhol, que aconteceu por razões independentes de questões sócio-históricas, é a causa, ou pelo menos o acelerador, da mudança gramatical no português.

1 Este trabalho é resultado das discussões levantadas independentemente nas nossas teses de doutorado: Pinto (2011) e Antonelli (2011), ambas orientadas pela Prof^a. Dr^a. Charlotte Galves e financiadas pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), trabalhos aos quais o leitor deve se remeter para o detalhamento, suporte e evidências mais robustas para os dados e análises apresentados neste breve artigo. Nosso trabalho se detém na história do português e do espanhol europeus. Doravante, só utilizaremos a especificação “europeu” quando houver a necessidade de contraposição com outras variedades da língua.

2 Esta análise não é isenta de críticas: Kayser (1999, 2006) e Rinke (2009), entre outros, se posicionam contra a análise do português antigo como língua V2; Cruschina e Sitaridou (2009) se posicionam contra a análise de que as línguas românicas como um todo eram línguas V2; Rivero (1992) não discute a questão, mas assume que o verbo está em IP no espanhol antigo. Em Pinto (2011) se faz um debate sobre esta questão advogando que as línguas românicas antigas eram línguas V2.

O trabalho está dividido da seguinte maneira: na seção 2, discutimos algumas questões referentes ao efeito V2 nas línguas germânicas, apresentando as análises tradicionais para o efeito V2 simétrico e assimétrico e, em seguida, uma proposta alternativa para explicar a variação do efeito V2, uma vez que é a partir desse referencial que se analisam as línguas românicas antigas. Na seção 3, discutimos a perda do efeito V2 na história do espanhol. Na seção 4, discutimos a perda do efeito V2 na história do português. Na seção 5, procuramos relacionar a perda do efeito V2 aos aspectos sócio-históricos das duas línguas. Na seção 6, tecemos nossas considerações finais.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O EFEITO V2 NAS LÍNGUAS HUMANAS

O efeito V2, tal como atestado especialmente nas línguas germânicas atuais (à exceção do inglês), caracteriza-se como uma exigência na ordem de palavras determinando que o verbo finito apareça na segunda posição da sentença precedido exclusivamente por um constituinte qualquer, independentemente de sua função sintática³. Quando o sujeito não é o constituinte em primeira posição, este segue imediatamente o verbo. Vejam-se os exemplos em (1) do africâner, uma típica língua V2⁴.

- (1) a. André **het** gister die storie geskryf
André tem ontem a história escrito
b. Gister **het** André die storie geskryf
Ontem tem André a história escrito
c. Die storie **het** André gister geskryf
A história tem André ontem escrito
d. Nêrens **praat** mense meer Latyn nie
Em nenhum lugar falam as pessoas mais latim

3 Com relação ao estatuto informativo desse constituinte em primeira posição, parece que há algum tipo de variação paramétrica. Por exemplo, Hinterhölzl e Petrova (2010) comentam que, no alemão moderno, o XP em primeira posição deve possuir um traço [+tópico]. Em casos em que não há um elemento [+tópico] na sentença, o sujeito é o constituinte que se move obrigatoriamente para a primeira posição para satisfação do efeito V2 devido à restrição *Minimal Link Condition* proposta por Chomsky (1995). Cruschina e Sitaridou (2009) propõem que, nas românicas antigas, o efeito V2 também desempenhava um papel discursivo de focalização ou topicalização. Contudo, como foi mostrado em Pinto (2011) para o caso do espanhol antigo, o fronteamto de um XP para a primeira posição não tem relação nenhuma com fatores discursivos.

4 Destacamos em negrito nos exemplos, em todo o texto, o verbo ao qual nos referimos.

e. Wat **lees** jy vandag?

O que lê você hoje (Biberauer, 2002, p. 19)

Outra questão empírica interessante com relação às línguas V2 é o fato de que há línguas que somente exibem o efeito V2 em orações matrizes, como o alemão, o holandês e o norueguês (as línguas assimétricas), e há línguas que exibem o efeito V2 tanto em orações matrizes como em orações subordinadas, como o islandês e o iídiche (as línguas simétricas). Vejam-se os exemplos em (2) e (3) do alemão e do iídiche respectivamente:

(2) a. Das Buch **kauft** Hans gestern.

O livro comprou Hans ontem

b. ... dass Hans das Buch gestern **kauft**⁵.

que Hans o livro ontem comprou (Torres Morais, 1995, p. 64)

(3) a. Oyfn veg **vet** dos yingl zen a kats.

Na avenida vai o menino ver um gato

b. Oyb oyfn veg **vet** dos yingl zen a kats.

Se na avenida vai o menino ver um gato (Santorini, 1995, p. 54)

Em termos teóricos, Haider e Prinzhorn (1986: 3) pontuam que a investigação sobre as línguas V2 tem encontrado os seguintes problemas principais: a) qual é o gatilho para o efeito V2?; b) o efeito V2 é uma propriedade paramétrica?; c) qual é o lugar de pouso do verbo?; d) qual é a natureza da assimetria (entre orações principais e subordinadas?); e) como o efeito V2 pode surgir ou desaparecer em termos diacrônicos?

5 No caso das línguas assimétricas, a posição do verbo é variável: pode ser final, como ilustrado em (2b) com o dado do alemão, ou pode ser medial, como ilustrado abaixo em (i) com dado do norueguês.

(i) ...at Jens ikke **skjØnte** dette apØrmålet.

que Jean não entendeu esta questão (Taraldsen, 1986, p. 8)

No modelo de Regência e Ligação, a variação entre V-final e V-medial era explicada pelo diferente posicionamento dos núcleos: línguas com verbo final seriam línguas com núcleo final e línguas com verbo medial seriam línguas com núcleo inicial. Seguindo a proposta de Kayne (1994), acreditamos que a explicação da diferença dos dois posicionamentos lineares do verbo se deve a outros fatores, como movimento de constituintes, e não ao diferente posicionamento dos núcleos. Essa discussão, contudo, não está no escopo da nossa proposta.

Nesta seção, nos deteremos principalmente na questão (d), ou seja, na questão da simetria/assimetria do efeito V2 e, conseqüentemente, discutiremos qual é o lugar de pouso para o movimento do verbo em cada caso, que é a questão (c). As perguntas (a) e (b) estão relacionadas na discussão sobre os pontos (c) e (d). Nas seções 3 e 4, discutiremos a questão (e) a partir dos dados diacrônicos do espanhol e do português.

2.1 O lugar de pouso do verbo nas línguas V2

2.1.1 As línguas assimétricas

Com base em dados de línguas como o alemão e o holandês, den Besten (1989)⁶ propõe que o verbo finito se move para COMP (equivalente a C no modelo atual) nas línguas V2 assimétricas. Um dos argumentos para essa proposta vem do fato de que o holandês tem dois tipos de sujeitos pronominais: pronomes fortes, como *jij* (você), *hij* (ele), *zij* (ela) e *wij* (nós); e pronomes fracos, como *je* (você), *hij/ie* (ele), *ze* (ela) e *we* (nós). Os pronomes fracos devem estar adjacentes ao complementizador nas orações subordinadas, como ilustra o contraste de gramaticalidade em (4):

- (4) a. --, dat je/ze gisteren ziek **was**
que você/ela ontem doente estava
b. *--, dat gisteren je/ze ziek **was**
que ontem você/ela doente estava (Den Besten, 1989, p. 25)

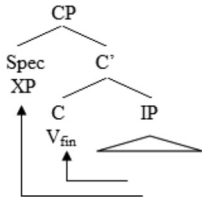
Considerando que a posição canônica do complementizador é COMP, a previsão que os exemplos em (4) fazem é que, se a análise do movimento do verbo para COMP em orações V2 estiver correta, tais sentenças V2 também devem apresentar o verbo finito adjacente a pronomes fracos. Tal previsão é comprovada em (5) a seguir:

- (5) a. Toch **was** ze gisteren ziek.
Ainda ela estava ontem doente
b. *Toch **was** gisteren ze ziek.
Ainda estava ontem *ela doente (Den Besten, 1989, p. 26)

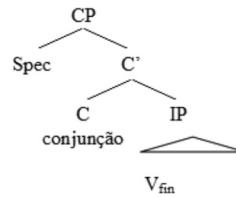
⁶ Den Besten (1989) é uma republicação. Taraldsen (1986) também propõe que o verbo se move para COMP.

A proposta de Den Besten (1989) para as línguas V2 como alemão, holandês e sueco pode ser adaptada na estrutura em (6) a seguir:

(6) a. Orações matrizes



b. Orações subordinadas



Nas orações matrizes, o verbo se move para C e um XP qualquer se move para a posição de SpecCP. Nas orações subordinadas os dois movimentos são bloqueados devido à presença do complementizador.

2.1.2 As línguas simétricas

Como comentamos acima, há outro grupo de línguas V2 que não exibe a assimetria entre orações principais e subordinadas. O efeito V2, nessas línguas, é generalizado. Os dados do iídiche em (7) e do islandês em (8) ilustram esse fato:

(7) a. Oyfn veg **vet** dos yingl zen a kats.

Na avenida vai o menino ver um gato

b. Oyb oyfn veg **vet** dos yingl zen a kats.

Se na avenida vai o menino ver um gato (Santorini, 1995, p. 54)

(8) a. Helgi **hefur** trúlega keypt bókina.

Helgi tem provavelmente comprado o livro

b. Jón segir að Helgi **hafi** trúlega keypt bókina.

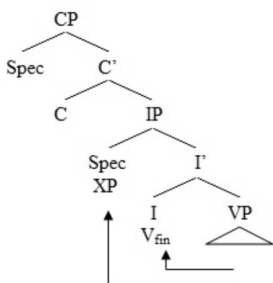
Jón diz que Helgi tem provavelmente comprado o livro (Þráinsson, 1986, p. 171)

As línguas simétricas exibem o efeito V2 irrestritamente em qualquer tipo de oração subordinada, o que contrasta com as línguas assimétricas, que, quando exibem o efeito V2 em orações subordinadas, apresentam uma serie de restrições⁷.

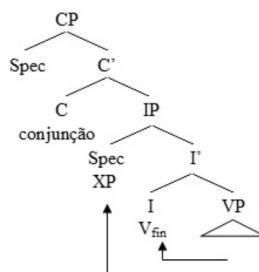
7 Durante muito tempo, foi proposto que as línguas escandinavas só exibiam o efeito V2 em completivas de *verbos-ponte* (*dizer, pensar, argumentar* etc). Contudo, Julien (2010) mostra que o

Diante desse quadro, uma série de estudos (Thráinsson, 1986; Santorini, 1989, 1995; Diesing, 1990 entre outros) propôs que o movimento do verbo nas línguas simétricas é diferente do movimento do verbo nas línguas assimétricas, sendo que, nas simétricas, o verbo se moveria apenas até I, com SpecIP podendo funcionar como uma posição A-Barra que abriga o elemento pré-verbal. Essa proposta é representada de forma adaptada em (9) a seguir (compare-se (9) com (6) acima):

(9) a. Orações matrizes



b. Orações subordinadas



Entretanto, Vikner (1995) questiona se realmente as línguas V2 simétricas apresentam movimento do verbo para uma posição mais baixa, em contraste à análise padrão proposta para as línguas V2 assimétricas. Por exemplo, o autor mostra que, em geral, nada impede a adjunção de um elemento adverbial à categoria IP, ao passo que adjunção à categoria CP não é aceitável. Os exemplos do alemão, apresentados a seguir, ilustram essa restrição a respeito da adjunção de constituintes adverbiais.

(10) a. *Tatsächlich dieses Buch **hat** der Junge gelesen

Realmente este livro tem o menino lido

b. Dieses Buch **hat** tatsächlich der Junge gelesen Vikner, 1995, p. 103)

Em (10a), ante a hipótese de que a posição imediatamente pré-verbal em alemão é SpecCP (trata-se de uma língua assimétrica), deve-se pressupor que o advérbio foi adjungido à categoria CP. Já em (10b), assumindo-se que o sujeito pós-verbal está em SpecIP, supõe-se que o advérbio foi adjungido à projeção IP, considerando que tal elemento se encontra estruturalmente abaixo do verbo alçado para o núcleo C.

efeito V2 nessas línguas está relacionado com força ilocucionária.

Vikner (1995) argumenta que, caso a impossibilidade de adjunção à projeção CP seja uma restrição universal e não apenas específica do alemão, é possível testar se, em línguas V2 simétricas, a posição para onde o XP pré-verbal se move é de fato SpecIP ou não. A ideia é que, se a posição pré-verbal realmente for SpecIP, elementos adverbiais poderão preceder o XP imediatamente pré-verbal, já que isso seria um caso de adjunção à categoria IP. Por outro lado, se a posição pré-verbal de línguas V2 simétricas não for SpecIP, mas sim SpecCP, como nas línguas assimétricas, constituintes adverbiais não poderão preceder o XP imediatamente pré-verbal, já que isso seria, em termos estruturais, um caso de adjunção à projeção CP. No iídiche, uma típica língua V2 simétrica, tem-se um padrão absolutamente idêntico ao que é observado no alemão, como em (11):

- (11) a. *Leyder dos bukh **hot** dos yingl geleyent
 Infelizmente este livro tem o menino lido
 b. Dos bukh **hot** leyder dos yingl geleyent (Vikner, 1995, p. 106)

Para Vikner (1995), o que há nas línguas V2 simétricas é a possibilidade de recomplementação de CP (isto é, a presença de duas projeções CP⁸). No caso das orações subordinadas com ordem linear V2, o complementizador seria concatenado no núcleo de uma categoria CP mais alta, ao passo que o verbo e o XP pré-verbal ocupariam, respectivamente, o núcleo e o especificador de um CP mais baixo. Ou seja, tanto línguas assimétricas quanto línguas simétricas formariam a ordem V2 na periferia da sentença. A única diferença é que as línguas V2 simétricas permitiriam a projeção de um duplo CP, resultando, portanto, no licenciamento de orações subordinadas com a sequência linear V2. No que se segue, reinterpretemos a proposta de Vikner (1995) dentro de uma abordagem cartográfica da periferia da sentença.

2.1.3 Efeito V2 e traço EPP

A partir da proposta cartográfica (Rizzi, 1997 e trabalhos subsequentes), Roberts (2004) propõe que o efeito V2 nas línguas germânicas assimétricas seria o resultado de quatro requerimentos:

- (12) a. movimento do verbo para Fin.
 b. movimento de um XP pra SpecFinP

8 Baseando-se em (6a), é como se o CP contendo o XP e o verbo fosse dominado por outro CP contendo a conjunção.

- c. restrição de somente um XP.
- d. assimetria oração matriz/oração subordinada. (Roberts, 2004, p. 315)

O requerimento (a) seria decorrente de uma propriedade paramétrica determinando que Fin[+finito] de línguas V2 apresente uma realização fonológica, o que atrairia o verbo para Fin em orações matrizes, por exemplo. O requerimento (b) é explicado da seguinte forma: se a restrição fonológica de Fin é satisfeita via movimento do verbo, a posição SpecFinP é dotada de um traço EPP que exige o movimento de um constituinte para essa posição⁹. Quanto ao requerimento (c), a restrição de um único constituinte se deve ao fato de que, como o XP em SpecFinP não tem nenhum traço específico, mas foi movido para satisfazer o traço EPP dessa posição, por razões de *minimalidade relativizada*, o seu movimento bloqueia o movimento de qualquer outro elemento para qualquer posição acima de Fin. Por fim, com relação à propriedade (d), que diz respeito à assimetria matriz/subordinada, isso ocorreria porque, nas subordinadas, o complementizador é quem satisfaz o requerimento fonológico de Fin, impedindo o movimento do verbo finito.

Tendo em conta a proposta de Julien (2010), de que o efeito V2 está relacionado com força ilocucionária, Pinto (2011) considera que uma explicação do efeito V2 somente a partir dos traços de Fin não é suficiente. Assim, se propõe, ao contrário de Roberts (2004), que as orações matrizes são dominadas pela projeção ForceP¹⁰ e que o efeito V2 é resultado de um parâmetro: se uma língua é parametrizada como [+V2], o movimento do verbo para CP é determinado pelo conjunto de traços [±selecionado; ±declarativo; ±assertivo] nos núcleos Force matriz e subordinado. O efeito V2 nas orações matrizes é bastante parecido nas línguas assimétricas e simétricas. A variação se dá exclusivamente nas orações subordinadas.

O núcleo Force das orações matrizes é composto invariavelmente pelos traços [-selecionado; +declarativo; +assertivo].¹¹ O traço [+assertivo] faz com que

9 Uma evidência de que o movimento do verbo é o que desencadeia o movimento do XP é encontrada no fato de que não há movimento de XP quando Fin* é realizado pela conjunção. Nada impede, a priori, que esse movimento seja realizado já que são possíveis perguntas subordinadas clivadas: “ele perguntou que livro que você leu ontem”.

10 A exposição de Demonte e Fernández-Soriano (2009) também dá evidências empíricas para se postular, conforme Rizzi (1997) e contrariamente a Roberts (2004), que ForceP existe em orações declarativas matrizes. Assumimos assim um CP complexo cuja projeção dominante é ForceP mesmo em orações declarativas matrizes.

11 O traço [+assertivo] se deve ao fato de que as orações matrizes contêm a ilocução primária da estrutura.

Force seleccione FinP*, no sentido de Roberts (2004) e tanto o verbo como um XP qualquer se movem para FinP.¹²

O núcleo Force das orações subordinadas está aberto à variação. Quando Force tem os traços [+selecionado; +declarativo; +assertivo], têm-se orações subordinadas V2. Como Force é [+selecionado], é preenchido pela conjunção e o verbo se move para Fin. Quando Force tem os traços [+selecionado; +declarativo; -assertivo], têm-se orações subordinadas não-V2. As línguas V2 simétricas atribuiriam invariavelmente o traço [+assertivo] ao CP subordinado.

Partindo da ideia de que a ordem V2 sempre é formada na periferia da sentença (cf. Vikner, 1995) e seguindo a proposta inicial de Roberts (2004), a análise de Pinto (2011) explica através de uma visão cartográfica a variação na manifestação do efeito V2. Todas as línguas teriam as mesmas projeções funcionais e o que seria variável são as propriedades, ou seja, os traços, de cada projeção funcional em cada língua. Como o CP é um campo (e não uma única projeção) nessa visão, o argumento de movimento do verbo diferenciado em línguas simétricas e assimétricas devido à falta de posição no CP subordinado (que já estaria preenchido pela conjunção) perde força¹³.

12 Pinto (2011) propõe que o lugar de pouso para o verbo é diferente no CP matriz de línguas V2 rígidas e línguas V2 mais flexíveis. Parece que o efeito V2 de línguas V2 rígidas é realizado em ForceP, enquanto que o efeito V2 de línguas mais flexíveis é realizado em FinP. Por exemplo, em orações matrizes o alemão exibe construções com ordem V3 em contextos muito raros; por outro lado, as línguas escandinavas e as línguas V2 simétricas exibem ordem V1 narrativa e construções de *object shift*. Hinterhölzl e Petrova (2010) discutem a mudança linguística da ordem V1 para a ordem V2 na história do alemão e propõem que a posição para a qual o verbo se move é a mais alta da sentença, ou seja, Force. Essa proposta explica, ademais, a semelhança entre orações matrizes e subordinadas com relação a diversos fenômenos (ver Den Besten, 1989).

13 Em Rivero (1980) já se apresenta uma evidência de que o CP pode ser compreendido como um campo e não como uma única projeção funcional. Veja-se o contraste entre (i) e (ii) abaixo:

- (i) a. *¿Qué te pregunta (que) por qué no tiene?
- b. *¿Qué preguntan (que) quién tiene?
- (ii) a. Dinero, te pregunta (que) por qué no tiene.
- b. Dinero, preguntan (que) quién tiene. (Rivero, 1980, p. 380)

Rivero (1980) argumenta que as sentenças em (ii), diferentemente de construções como “Dinero, no lo tengo”, são geradas via movimento. Se o CP fosse constituído por apenas uma projeção, os exemplos em (ii) deveriam ser agramaticais, como os exemplos em (i) tendo em vista que, como o CP subordinado já está ocupado por um elemento, o XP frontado no CP matriz não teria posição de escape para extração. Como os exemplos em (ii) são gramaticais, Rivero (1980) conclui que o CP tem outra posição, diferente da posição ocupada por elementos-wh, pela qual é possível fazer extração para orações matrizes.

3 A PERDA DO EFEITO V2 NA HISTÓRIA DO ESPANHOL

3.1 Questões empíricas

Fontana (1993), ao estudar a mudança na ordem de palavras e estrutura dos clíticos na história do espanhol, propôs que o espanhol antigo, diferentemente do espanhol atual, se comportava como uma língua simétrica da mesma forma que o iídiche ou o islandês atuais. Dados como os ilustrados em (13) a seguir mostram essa propriedade do espanhol antigo:

- (13) a. Este lugar **mostro** dios a abraam.
Este lugar mostrou Deus a Abraão
b. Quando esto **oyo** el Rey [...]
Quando isto ouviu o Rei... (Fontana, 1993, p. 64/72)

Por outro lado, ao considerar a ordem V-S, como nos exemplos em (14):

- (14) a. A menudo **juegan** niños en este parque.
b. Todos los días **comptra** Juan el diario. (Zubizarreta, 1998, p. 100/109)

Zubizarreta (1998) propõe que o espanhol moderno tenha a mesma estrutura gramatical que o espanhol antigo, comportando-se ainda como uma língua V2. Neste mesmo sentido, Fernández-Ordóñez (2009) argumenta que o espanhol antigo e o espanhol moderno se comportam da mesma maneira com relação à topicalização e à focalização e o uso de clíticos¹⁴ e, portanto, teriam a mesma estrutura¹⁵.

14 Resumindo: o espanhol atual só possui clíticos para objetos diretos e indiretos, diferentemente do catalão, que possui clíticos para outras funções sintáticas (ver Hernanz e Brucart, 1987). Quando o objeto frontado é um tópico, a retomada com o clítico é obrigatória. Quando o objeto frontado é um foco, não há retomada com clítico:

- (i) (Respecto del) El libro, Pedro lo leyó anoche.
(ii) EL LIBRO leyó Pedro anoche (y no la revista).

15 Mensching (2009) e Pinto (2010) mostram que as construções de deslocamento à esquerda clítica já existiam no espanhol antigo. Contudo, variavam com as construções V2 sem clítico. A partir desses dados, no capítulo 2 de Pinto (2011) se sugere a existência de um processo de competição de gramáticas no sentido de Kroch (2001). Tal competição de gramáticas é decorrente de um processo de transmissão linguística irregular a partir do contato com os povos germânicos.

No entanto, Fontana (1993) mostra algumas diferenças na ordenação dos constituintes no espanhol antigo e no espanhol moderno (tais como a possibilidade de ordem O-V sem duplicação pelo clítico e a flexibilidade de fronteamto no espanhol antigo – fenômenos inexistentes no espanhol moderno¹⁶), o que evidencia que as duas fases do espanhol não têm a mesma estrutura.¹⁷ Pinto (2011) acrescenta ainda outras diferenças: a possibilidade de construções de *object shift* e a maior liberdade de elementos intervindo nos complexos verbais (locuções e tempos compostos) no espanhol antigo.

Assumimos a proposta de Fontana (1993), de que as duas fases do espanhol não possuem a mesma estrutura, ou seja, não são a mesma gramática. Os dados a seguir confirmam que o espanhol antigo era uma língua V2 simétrica, como propôs Fontana (1993)¹⁸. Os exemplos em (15) a (18), de Pinto (2011, p. 255), ilustram as características que são encontradas para definir o espanhol antigo como uma língua V2¹⁹:

- (15) a. aquí comienza el libro de la flor de las historias de oriente
 b. como ahora fezieron el maestre don Pero Núñez

- (16) a. E esta carta otorga la abatíssima Sancha Garciez, e la priora doña María Fortúniz e tod el convento.
 b. si corazon has.

16 Hernanz e Brucart (1987) mostram que, na tematização, o espanhol moderno não pode frontear determinados tipos de elementos/complementos verbais, ao contrário da focalização, que não impõe restrições quanto ao tipo/função do constituinte fronteadado. No capítulo 3 de Pinto (2011), essa diferença é explicada a partir da noção de operador, proposta por Cinque (1995).

17 É interessante observar que Zubizarreta (1998) discute as diferenças apresentadas por Fontana (1993) e mesmo assim propõe que o espanhol antigo e o espanhol atual tenham a mesma estrutura.

18 Há ordens de constituintes possíveis em ambas as fases. Kroch (2001) ressalta que gramáticas diferentes (língua-I) podem gerar os mesmos dados (língua-E). Desta forma, nos deteremos na apresentação e discussão dos dados (língua-E) que evidenciam que as gramáticas (língua-I) são diferentes. Ver Pinto (2011), onde se faz, um debate sobre os aspectos que podem ou não distinguir as duas fases da língua além dos casos que aparentemente parecem ser uma exceção à gramática V2.

19 Os dados do espanhol foram coletados a partir do *Corpus Diacrónico del Español* (CORDE), da Real Academia Española e por um conjunto de textos editados cedidos pelo Prof. Dr. Josep María Fontana, da Universitat Pompeu Fabra. Uma diferença substancial entre a organização do CORDE e o *corpus Tycho Brahe* (este último será apresentado posteriormente quando discutirmos a perda do efeito V2 no português) é que, no primeiro, os textos estão organizados pela data de produção e, no segundo, os textos estão organizados pela data de nascimento dos autores.

- (17) **a.** a dios **debe** hombre **adelantar** y **poner** primeramientre. en todos los buenos hechos que quisiere començar.
b. que no **puede** mi paciencia **tolerar** que haya subido en corazón humano conmigo en el ilícito amor comunicar su deleite.
- (18) **a.** si el deudor otros bienes **tuviese**
b. porque este cuerpo muchas lágrimas **ha dejado** a sus parientes: y amargos dolores.

Os exemplos em (15) ilustram a ordem V2 em oração matriz e oração subordinada; os exemplos em (16) ilustram a ordem O-V sem retomada clítica em oração matriz e oração subordinada; os dados em (17) ilustram a ordem Aux-S-V; os dados em (18) ilustram construções de *object shift*²⁰. O conjunto de dados em (15) a (18) oferecem evidências de que o verbo, no espanhol antigo, se movia para CP, diferentemente do espanhol atual, que exhibe movimento do verbo exclusivamente para IP.

Em adição a esses dados, pode ser acrescentado o comportamento dos pronomes complementos. No espanhol atual, os pronomes tônicos (“mí”, “ti” etc.), quer em posição pré ou pós-verbal, devem ser retomados pela forma átona equivalente; no espanhol antigo, as formas tônicas podiam aparecer sem a duplicação, independentemente da posição em que estivessem²¹.

Com relação à ordem O-V e à retomada clítica, Pinto (2011, p. 256-257) mostra que não havia um comportamento semelhante ao espanhol atual conforme advoga Fernández Ordóñez (2009). Os dados apresentados mostraram contextualmente que não havia duplicação tanto nos casos em que o objeto fronteado era um tópico/tema ou um elemento neutro. Os casos de focalização não foram analisados já que são irrelevantes para a discussão tendo em vista que, no espanhol atual, tampouco, exibem a retomada pelo clítico. No caso da ordem O-V com o objeto tendo uma função informativa neutra, no espanhol atual a única opção é a ordem V-O, o que mostra que o espanhol antigo tinha um

20 Bobaljik e Jonas (1996) estudam essas construções no islandês, porém propõem que o verbo esteja em IP. Em Pinto (2011) se faz uma reinterpretação dessas construções dentro de um modelo em que o verbo está em CP nas línguas V2.

21 São encontrados também dados bem interessantes como partes de sintagmas nominais e elementos de coordenação fronteadas deixando o resto do sintagma em posição pós-verbal. É interessante observar também que, no mesmo texto, se encontram as duas variantes: uma com todo o sintagma movido e outra com somente parte dele:

(i) Quebrantamiento **es** de casa. / et quebrantamiento de casa **es**.
(ii) Guyzado **es** e razon que... (Pinto, 2011, pp. 88-89)

comportamento V2. Desta forma, Pinto (2011, p. 212) sintetiza a seguinte correlação entre as duas fases da língua:

(19) Contexto	Espanhol antigo	Espanhol atual
Focalização	O-V	O-V
Tematização	O-V	O-cl-V
Neutro	O-V	V-O

3.2 A mudança linguística

A ideia central dos estudos diacrônicos dentro do quadro gerativista é que a aquisição da linguagem é o lugar em que a mudança linguística acontece através da fixação de parâmetros de forma diferente da geração anterior. De acordo com a Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981, 1986) especificamente, a aquisição da linguagem é explicada através da relação entre faculdade da linguagem e o *input* (os dados linguísticos primários) aos quais a criança é exposta. Se a criança fixa os parâmetros de acordo com a fixação da geração anterior, a língua permanece estável. Caso contrário, a língua muda. Para Lightfoot (1979, 1991, 1998, 2006), para que a fixação de parâmetros seja correta²², é necessário que o aprendiz tenha pistas no *input* para fixar um valor do determinado parâmetro. Quando não encontra essas pistas, segundo Roberts e Roussou (2003), a criança segue um “mecanismo de segurança” e fixa uma opção *default*.

Roberts (2007) pontua que as pistas do *input* podem ficar obscurecidas tanto por fatores internos como por fatores externos. Entendemos os fatores internos como alguma erosão fonológica, a não produção de um determinado dado etc. Como fatores externos, podem ser considerados, entre outras coisas, o contato de línguas e as situações de bilinguismo (Kroch, 2001)²³.

22 Este ponto é matizado por Roberts e Roussou (2003: 13). Se “fixação correta de parâmetros” significar fixar os parâmetros de modo que a gramática convergente seja idêntica à gramática adulta, há uma contradição entre o problema lógico da mudança linguística e o problema lógico da aquisição da linguagem, porque a previsão que se faz é a de que as línguas não mudariam nunca. Roberts e Roussou (2003) propõem então que a aquisição da linguagem seja um processo “fracamente determinístico”, ou seja, a criança deve fixar os parâmetros de forma consistente com o *input* e não com a gramática adulta. Os autores salientam, no entanto, que, quase sempre, há convergência com a gramática adulta.

23 Os fatores internos podem existir sem a necessidade da atuação de um fator externo. Contudo, os fatores externos sempre provocam a atuação de fatores internos. E por essa razão mesma é que a língua muda por causa de contatos linguísticos.

Com relação à perda do efeito V2 no espanhol, Fontana (1993) comenta que, no século XV, as construções com objeto fronteado sem retomada clítica começam a desaparecer e as construções de deslocamento à esquerda clítica começam a aumentar, culminando numa mudança de gramática. O autor, contudo, não discute as causas da mudança de uma gramática V2 para uma gramática não V2.

Pinto (2011) retoma a tese de Fontana (1993) e procura explicar, a partir da proposta de Lightfoot (1979, 1991, 1998, 2006), o que teria causado a perda do efeito V2 no espanhol²⁴. Embora o espanhol antigo e o espanhol moderno apresentem muitas diferenças sintáticas, as únicas características que evidentemente distinguem as duas fases como V2 e não V2 respectivamente são aquelas apontadas de (15) a (18). Em termos quantitativos, o número de elementos em posição pré-verbal não é um diferenciador das duas fases, já que a porcentagem de ordem V1, V2 e V>2 se mantém constante em todos os períodos²⁵.

Desta forma, para que houvesse uma mudança de gramática, os aprendizes deveriam perder o acesso a essas construções que caracterizavam o espanhol como uma língua V2. Considerando o caso dos objetos fronteados, cujos dados são bastante robustos, a tabela 1 a seguir mostra um decréscimo de objetos sem retomada clítica entre os séculos XIV e XVI:

Tabela 1. Objetos com clítico *versus* sem clíticos em primeira posição entre os Séculos XII e XVI

	Com clítico		Sem clítico	
	<i>ocorrências</i>	<i>porcentagem</i>	<i>ocorrências</i>	<i>porcentagem</i>
Século XII	7	25,00	21	75,00
Século XIII	7	18,44	31	81,56
Século XIV	2	16,67	25	83,33
Século XV	4	12,50	28	87,50
Século XVI	5	33,33	10	66,67
Século XVII	5	45,46	6	54,54

24 Apresentamos aqui somente a proposta de explicação do autor. Contudo, em Pinto (2011) se faz uma discussão de outras propostas, como a de Fernández-Ordóñez (2009), que propõe que a perda do efeito V2 é decorrente do aumento da focalização do sujeito em posição pré-verbal, hipótese que é negada por Pinto (2011), considerando que a proporção da ordem S-V e V-S se mantém estável ao longo dos séculos.

25 Ao longo dos séculos, a média é a seguinte: V1 = 50%; V2 = 45%; V3 = 5%.

A Tabela 1 mostra que, até o século XV, ainda havia evidência para a aquisição de uma gramática V2 dada a alta frequência de construções com objeto deslocado sem retomada clítica. No século XVI, no entanto, a porcentagem de objeto sem retomada é bastante baixa em relação ao período anterior²⁶ e, em adição, os dados passam a ser obscurecidos pelo aumento considerável de outros tipos de objeto que não possuem clíticos correspondentes em primeira posição²⁷.

Segundo a proposta de Pinto (2011), a mudança teve três passos. Passo 1: uma gramática V2 com bastante fronteamto de objetos sem retomada clítica; Passo 2: uma gramática V2 com pouco fronteamto de objetos sem retomada clítica; Passo 3: uma gramática não-V2 em decorrência da falta de pistas para aquisição de uma gramática V2 (ausência total de objetos fronteados sem retomada clítica).

A análise proposta é confirmada pelos dados em (20) a seguir, que mostram essa mudança a partir de um mesmo verbo e no mesmo contexto sintático:

- (20) a. e de todos los derechos que a ellas **perteneçen**, (1303)
 b. reparar et fazer todo reparamiento et fortifficamiento que al dicto muro **pertenesce** enla endrecha dela dicta su casa... (1381)
 c. que yo aya o me **pertenescas** aver (1467)
 d. con todo lo que a la dicha casa le **pertenece**, (1593) (Pinto, 2011, p. 288)

Como se pode ver, no século XIV, o objeto podia ser fronteado sem a retomada clítica como nos exemplos (20a) e (20b). No século XV, como mostra (20c), o verbo aparece somente com o clítico. No exemplo (20d), o objeto fronteado aparece duplicado pelo pronome clítico.

Kroch (2001) comenta que a perda do efeito V2 no inglês está relacionada com contato de línguas entre as variedades do norte e do sul, sendo que uma tinha uma gramática V2 e outra, não. No caso do espanhol, por outro lado, acreditamos, em primeira instância, que o contato de línguas durante o período da Reconquista, por exemplo, não tenha causado por si só uma mudança gramatical neste sentido porque, conforme argumenta Pinto (2011), se o efeito V2 no espanhol (e nas línguas românicas como um todo) é uma influência do contato

26 Esse processo parece ser acentuado pela já existência no espanhol antigo de construções de deslocamento à esquerda clítico. Os dados da Tabela 1 mostram que as construções de deslocamento à esquerda clítico se mantêm constantes no período.

27 O estatuto do objeto em primeira posição precisa ser estudado com mais detalhes já que em Pinto (2011) só se comprovou que o objeto poderia ser fronteado independentemente de seu estatuto informativo.

linguístico com os povos germânicos²⁸⁻²⁹ e como os povos germânicos ocuparam

28 Este aspecto parecer não ser muito aceito pela Linguística Hispânica, inclusive por pesquisadores atuais. Uma versão do texto foi apresentada em um evento e um parecerista disse:

Lo que en cambio carece de fuerza de convicción son resultados que se infieren sin que estén basados en un análisis: se parte del supuesto de que V2 en las lenguas iberorrománicas medievales deriva de la influencia germánica. Esta no se investiga ni se aportan datos a que haya podido haber tal influencia (de hecho, la influencia de los pueblos germánicos sobre las lenguas peninsulares es, como sabemos, muy escasa. Los Visigodos, el pueblo que más tiempo tuvo de ejercer su influjo, llegaron a la Península por lo que parece plenamente latinizados y no aportaron más que sus antropónimos y algún topónimo).

Pinto (2011) faz uma discussão da questão trazendo referências de que esta hipótese amplamente assumida na Linguística Hispânica parece estar equivocada. O estudo de Tuten (2003) mostra que os francos tiveram uma forte influência na Península Ibérica por volta do século XIII; Kremer (1982) dá evidências socio-demográficas e linguísticas de que a influência germânica, em especial dos francos, não parece ter sido pouca. O trabalho de Chirita (2003) mostra que o latim já exibiu um caráter V2. Muito questionável é a visão da tradição linguística espanhola em acreditar que os povos germânicos chegaram à Península Ibérica plenamente latinizados. O trabalho de Guerras (1995) deixa claro que o contato entre romanos e germanos é bastante antigo e que desde muito cedo havia convivência entre os dois grupos em várias partes do Império Romano. Por fim, mais questionável ainda é a visão de que, se dois grupos entram em contato, somente um influencia o outro. Esquece-se de que quando os germanos aprendiam a falar latim, esse latim era germanizado de alguma forma. Guerras (1995, p. 79) diz: “[os germanos] Antes, pelo contrário, o respeitaram, estabeleceram pactos de federação, se integraram primeiro no exército, depois na totalidade da vida do Império. Romanizaram-se ao mesmo tempo que ocorreria a germanização dos romanos”. Assim, a influência dos povos germanos sobre o espanhol, em primeira instância, parece não ter sido direta, mas via latim. No século XIII, com a descida dos francos, tais características podem ter sido acentuadas ou, pelo menos, mantidas.

29 Pinto (2011) recorre ao trabalho de Hinterhölzl e Petrova (2010) para mostrar que o efeito V2 do espanhol antigo é decorrente de um processo de transmissão linguística irregular que aconteceu na época das invasões bárbaras.

toda a Península Ibérica antes da chegada dos povos árabes, se supõe que mesmo no sul os dialetos românicos já possuiriam uma gramática V2³⁰⁻³¹.

Em síntese, a proposta de Pinto (2011) procura explicar as causas da perda do efeito V2 no espanhol antigo, questão que não foi abordada em Fontana (1993). A explicação é encontrada na falta de evidências aos aprendizes dos séculos XV e XVI para fixar os parâmetros de uma gramática V2. E, dentro dessa proposta, as únicas evidências concretas que os aprendizes dispunham de que sua gramática era uma gramática V2 era a possibilidade de fracionamento de objetos sem retomada clítica, o fracionamento de fragmentos de constituintes e a possibilidade da ordem Aux-S-V. Quando os aprendizes não encontram de maneira robusta esses dados no *input*, acontece a mudança gramatical³².

3.3 A diferença estrutural das duas fases do espanhol

Embora Pinto (2011) assuma boa parte da proposta de Fontana (1993), há uma divergência estrutural na explicação do efeito V2 do espanhol antigo nas duas propostas. Fontana (1993) assume que no espanhol antigo o verbo realizava o mesmo movimento que nas línguas V2 simétricas atuais. Como discutido na seção 2.1.2, em algumas análises foi proposto que, nessas línguas, o verbo se moveria apenas até IP, cujo especificador seria uma posição sincrética (A e A-Barra

30 Observe-se que, durante o século VIII, os árabes conseguem isolar os hispano-godos nas montanhas do norte. Até entre os séculos XII e XIII, a população hispano-goda consegue recuperar boa parte da Península. Neste momento, chegam os francos, que parecem reforçar o efeito V2 no espanhol. Com relação aos árabes, Pinto (2011) sugere que tenham influenciado na manutenção da ordem V-S no espanhol. Observe-se que o francês exibiu a ordem V-S quando era uma língua V2. Quando perde o efeito V2, o francês também perde a ordem V-S, fato que não acontece com o espanhol. Resta saber como era a sintaxe da posição do sujeito nessas línguas árabes quando essas populações migraram para a Península Ibérica.

31 Desta forma, acreditamos que a Reconquista não exerceu nenhum papel fundamental na perda do efeito V2 na história do espanhol uma vez que tanto a variedade dominante como as demais variedades peninsulares tinham um caráter V2. Este aspecto difere a perda do efeito V2 na história do espanhol da perda do efeito V2 na história do inglês. Kroch (2001) destaca que a perda do efeito V2 na história do inglês foi causada justamente pelo contato de dialetos, uma vez que um dialeto V2 entrou em contato com outro dialeto não V2. Assumimos que este não é o caso do espanhol.

32 Ilza Ribeiro, em comunicação pessoal, comenta que essa diminuição na frequência dos dados pode ser o resultado da mudança e não a causa dela. Os trabalhos de Ribeiro e Torres Morais (2009) e Ribeiro (2012) estudam as construções subordinadas com “duplo que” no português antigo (no espanhol antigo também havia esse tipo de construção conforme sinalizam Fernández-Ordóñez, 2009, e Pinto, 2011). Nesses casos, o verbo era impossibilitado de se mover para CP. Talvez, este tenha sido, conforme comenta Ilza Ribeiro, o gatilho para a mudança sintática.

ao mesmo tempo), o que permitiria que qualquer constituinte fosse frontado para esta posição. Assim, no modelo de Fontana (1993), a diferença estrutural entre as duas fases da língua se restringiria às características da posição SpecIP, que passaria de uma posição sincrética, no espanhol antigo, para uma posição-A, no espanhol atual.

A partir da discussão em 2.1.3, na qual é proposta uma análise unificada para o efeito V2 tanto em línguas simétricas como em assimétricas, Pinto (2011) propõe, diferentemente de Fontana (1993), que, no espanhol antigo, o verbo se movia para uma posição mais alta, a saber, Fin*. Desta forma, a diferença entre as duas fases da língua estaria relacionada com diferentes movimentos de verbo. No espanhol antigo, o verbo fazia generalizadamente (em todos os tipos de orações) o movimento V-to-I-to-C. O sujeito se movia categoricamente para SpecIP e um constituinte qualquer se movia para SpecFinP. A ordem S-V era decorrente, portanto, do movimento do verbo e do sujeito para CP. No espanhol moderno, o verbo faz somente o movimento V-to-I.³³ De acordo com Pinto (2011)³⁴, a posição do sujeito referencial pré-verbal no espanhol moderno é SpecIP. Como não há nenhum traço EPP que force movimento de algum constituinte generalizadamente para CP, a ordem S-V é decorrente do movimento do verbo e do sujeito até IP³⁵.

33 Suñer (1994) propõe que em nenhum tipo de oração haja movimento V-to-I-to-C no espanhol moderno. Um dos argumentos é o contraste entre o espanhol e o inglês com relação à possibilidade de advérbios intervindo entre o elemento interrogativo e o verbo. Pinto (2011) assume esta análise.

34 Pinto (2011) discute principalmente a proposta de Olarrea (1997), que classifica os sujeitos em três tipos diferentes (referenciais, não referenciais e negativos) e propõe que cada um deles ocupa uma posição estrutural diferente. Pinto (2011) concorda com a diferença estrutural entre os três tipos de sujeito, porém argumenta, seguindo o trabalho de Costa (2001) para o português europeu, que o sujeito referencial pré-verbal no espanhol moderno não está necessariamente deslocado à esquerda. Assim como o objeto, o sujeito pode estar deslocado à esquerda ou não.

35 Na análise de Rivero (1992), o que diferencia as duas fases são as possibilidades de adjunção (a XP e a X') em cada fase. Contudo, seguindo o modelo cartográfico de Rizzi (1997) e Cinque e Rizzi (2008), todas as línguas teriam o mesmo inventário de projeções funcionais na faculdade da linguagem e o que as diferenciaria seriam os traços dos itens lexicais, conforme propõe Chomsky (1995). Pinto (2011) apresenta evidências contra a análise de múltiplos especificadores com base no ordenamento de sujeitos, advérbios e objetos no espanhol atual e reinterpreta a ordem S-O-V, das construções de *object shift*, como movimento de constituintes para CP (S em SpecFrameP; O em SpecFinP; V em Fin°). Na análise de Rivero (1992), S está em SpecIP, O em adjunção à I', e V em I°. De todos os modos, essas divergências parecem estar mais relacionadas com opções teóricas diferentes do que com análises divergentes dentro do mesmo marco teórico.

4 A PERDA DO EFEITO V2 NA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS

4.1 Sobre o efeito V2 na história do português

Um ponto que parece não ser controverso em relação ao português atual diz respeito à sua natureza não-V2. De fato, ao contrário de línguas V2 prototípicas, o português não licencia necessariamente inversão do sujeito nos casos em que um constituinte diferente do sujeito é superficializado em posição pré-verbal, como mostram os exemplos em (21) extraídos de Costa (1998, p. 111/117).

- (21) a. Com a Maria, o Pedro **falou**.
 b. A sopa, o cão **comeu**.

Entretanto, diversos trabalhos sobre a evolução gramatical do português defendem que, em estágios passados, essa língua manifestava características de um sistema V2 (Ribeiro, 1995; Torres Morais, 1993; Galves, 1997; Gibrail, 2010; Antonelli, 2011). Ribeiro (1995) caracteriza o português antigo como um sistema gramatical em que, nas sentenças raízes, o verbo se aloja no núcleo funcional C, à semelhança de línguas V2 como o alemão. Os casos de ordem XP-V-S nessa fase do português, isto é, sentenças com ordem linear V2 que manifestam inversão do sujeito, como exemplificado em (22), seriam o resultado de frenteamento de um complemento verbal ou de um elemento adverbial para o início da sentença, precisamente para a posição de especificador da projeção cujo núcleo hospedaria o verbo finito, a saber, SpecCP.

- (22) a. E esto lhi **fazia** o prazer que avia em cuidar sempre nas cousas celestiaes
 b. E esta vertude de paccença **ouve** este santo monge Libertino mui compridamente
 c. Bem sei eu ainda algũa cousa deste santo homen
 d. E aacima a piedade **venceu** a homildade (Ribeiro, 1995, p. 100)

Ribeiro (1995) aponta também que diferentes tipos de constituintes podem ser frenteados de uma sentença encaixada para o domínio da oração matriz, desencadeando a inversão V-S. Em (23), o sintagma nominal sujeito da sentença encaixada é frenteado para a oração matriz e o que se vê é o sujeito da oração matriz aparecendo posposto ao verbo finito.

- (23) Padre, [aqueste por que me tu rogas], **vejo** eu que t_i non he monge (Ribeiro, 1995, p. 159)

Em (24), o elemento deslocado da oração encaixada é o sintagma nominal objeto. Nesse exemplo, tal como em (23), a oração matriz também manifesta inversão verbo-sujeito.

(24) E [estes]_i **dizia** el-rrei que mandava matar t_i porque [...] (Ribeiro, 1995, p. 159)

A autora destaca que o padrão de inversão verbo-sujeito de exemplos como (23) e (24) é típicos de operações de movimento envolvendo o sistema CP, como o caso de fronteamto de sintagmas *wh*. Em vista disso, Ribeiro argumenta que, em todos esses exemplos, tem-se o verbo da oração matriz em C e um constituinte qualquer ocupando SpecCP. Para a autora, se o constituinte topicalizado para SpecCP da oração matriz é um elemento diferente do sujeito, como seria o caso dos exemplos (23) e (24), obrigatoriamente o sujeito da oração matriz será licenciado em posição pós-verbal, a saber, em SpecAgrSP, de acordo com a terminologia por ela adotada. Ou seja, na análise de Ribeiro, o padrão de inversão verbo-sujeito observado nesses exemplos seria resultante justamente da natureza V2 da gramática do português antigo.

Torres Morais (1993) apresenta evidências semelhantes às de Ribeiro (1995) de que o português, em fases passadas, caracterizava-se como um sistema V2. Por exemplo, em textos dos séculos XVI e XVII, período este comumente designado de português clássico, observa-se também que diferentes tipos de constituintes podem preceder imediatamente o verbo finito, como se vê em (25).

(25) a. No ano de 1550 **mandou** o Padre Manoel da Nóbrega os filhos dos índios ao campo.
 b. Muito **gostou** o Fidalgo de o ouvir.
 c. E assim o **amava** Felícia com grande medo. (Torres Morais, 1993, pp. 280-281)

A partir de (25), Torres Morais (1993) sugere que a posição imediatamente pré-verbal não é exclusiva do sujeito. Na visão da autora, isso pode ser tomado como uma evidência de que, nesse período, o português ainda se comporta como um sistema V2, ou seja, como uma gramática que instancia movimento sistemático do verbo para a periferia da sentença, com o deslocamento de um XP qualquer para a posição pré-verbal.

Torres Morais (1993) considera também que a maior evidência de que as sentenças com um elemento não sujeito precedendo o verbo são ilustrativos da ordem V2 está nos casos que manifestam o sujeito após o auxiliar nos complexos verbais (Aux-S-V), como ilustrado em (26).

(26) Cada dia **vão os Padres visitar** os enfermos.

De fato, o exemplo em (26) é semelhante ao padrão de inversão V-S de línguas V2, em que o sujeito segue imediatamente o verbo auxiliar. Esse padrão é exemplificado em (27) com um dado do alemão.

(27) Diesen Film **haben** die Kinder **gesehen**. (Vikner, 1995, p. 43)

Mais recentemente, a hipótese de que o português, em estágios passados, era um sistema gramatical de natureza V2 tem recebido apoio empírico de uma série de estudos quantitativos que fazem uso de grandes *corpora* (Paixão de Sousa, 2004; Galves, Britto, Paixão de Sousa, 2005; Antonelli, 2007, 2011 entre outros). Por exemplo, Antonelli (2011), com base num *corpus* formado por textos de escritores nascidos entre os séculos XVI e XIX³⁶, mostra uma diferença significativa entre os textos de autores nascidos nos séculos XVI e XVII e os textos de autores nascidos nos séculos XVIII e XIX. Olhando para sentenças matrizes com ordem linear V2 e que manifestam um sujeito realizado foneticamente, em posição pré ou pós-verbal, o autor observa que a proporção percentual durante os séculos XVI e XVII entre a ordem de palavras S-V (sentenças com sujeito pré-verbal) e a ordem de palavras XP-V-S (fronteamento com posposição do sujeito) apresenta um paradigma diferente daquele que é atestado para o período de tempo que corresponde aos séculos XVIII e XIX. Essa diferença pode ser visualizada na Tabela 2³⁷.

Tabela 2. Sentenças matrizes com ordem linear V2. Dados em %

	S-V		XP-V	
	<i>ocorrências</i>	<i>porcentagem</i>	<i>ocorrências</i>	<i>porcentagem</i>
Séc XVI	461	52,38	419	47,62
Séc XVII	542	44,20	684	55,80
Séc XVIII	2088	81,75	466	18,25
Séc XIX	1140	84,82	204	15,18

36 Em seu trabalho, Antonelli (2011) faz uso de textos presentes no *Corpus Tycho Brabe*, um *corpus* eletrônico do português que disponibiliza acesso gratuito a todo seu conteúdo na rede mundial de computadores (cf. <http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho>)

37 Resultados semelhantes para o mesmo período de tempo são encontrados em Paixão de Sousa (2004), Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005) e Antonelli (2007), com a diferença de que estes trabalhos olham apenas para orações com clíticos.

Antonelli (2011) destaca que, nos textos escritos por autores nascidos até o fim do século XVII, parece não haver uma preferência ou por sentenças com sujeito pré-verbal ou por sentenças com um elemento não-sujeito precedendo o verbo. De fato, a média de frequência gira em torno de 50% para as duas opções de ordem de palavras. Em contraste a esse padrão, o que se observa a partir do século XVIII é uma curva de aumento na frequência de estruturas S-V. Como se vê, sentenças com sujeito pré-verbal passam a ser a sequência linear nitidamente mais empregada, com um índice de 81,75% no século XVIII e 84,82% no século XIX, resultando, conseqüentemente, no decréscimo de estruturas de fronteamento com ordem V-S.

Procurando interpretar esses resultados, Antonelli (2011) argumenta que o português dos séculos XVI e XVII pode ser caracterizado como um sistema gramatical V2. Para o autor, essa hipótese explica o porquê de sentenças com sujeito pré-verbal serem utilizadas numa frequência muito próxima da que é registrada para sentenças com um elemento não-sujeito em posição pré-verbal. De fato, diversos trabalhos já mostraram que, em línguas V2 prototípicas como as do ramo germânico, sentenças com sujeito pré-verbal geralmente não apresentam uma frequência superior a 70% dos casos de ordem linear V2 (por exemplo, Jörgensen, 1976; Gerritsen, 1984; Bouma, 2008). Nesse sentido, então, os números relativos ao padrão de frequência da ordem S-V no português dos séculos XVI e XVII constituem uma evidência quantitativa bastante robusta da proximidade do português desse período com os sistemas gramaticais V2. Por sua vez, do século XVIII em diante, a gramática do português não se caracterizaria mais como um sistema V2, tomando como base para essa afirmação o fato de que, a partir desse período, a superficialização do sujeito antes do verbo se torna a escolha mais empregada, uma espécie de opção *default*. Essa observação é corroborada pelo fato de que, na variante atual do português, como já mostrado, o fronteamento de qualquer tipo de sintagma não altera necessariamente a superficialização do sujeito em posição pré-verbal, o que seria também uma evidência de que a ordem S-V é de fato uma estrutura do tipo *default*.

4.2 A diferença estrutural das duas fases do português

Procurando caracterizar a fase V2 e a fase não-V2 do português, Antonelli (2011) assume que, na gramática instanciada até o fim do século XVII, isto é, na fase V2, há movimento generalizado do verbo para a periferia da sentença, mais especificamente para o núcleo Fin, pensando-se aqui na proposta cartográfica para o nível da projeção CP. O sujeito seria linearizado em posição pré-verbal

unicamente se houvesse algum requerimento determinando o seu deslocamento para SpecFinP (em se tratando de uma língua V2, tal requerimento corresponde ao traço EPP discutido em 2.1.3).

Em situações nas quais a restrição V2 é satisfeita por um constituinte diferente do sujeito, este último seria alçado no máximo até SpecIP, entendida aqui como uma posição exclusiva para o sujeito. Note-se que, nesta configuração, o verbo está numa posição hierarquicamente mais alta da que é ocupada pelo sujeito. Uma vez que SpecFinP não é uma posição exclusiva para sujeitos, já que outros sintagmas também podem satisfazer o traço EPP de Fin, é de se esperar, portanto, que sentenças V-S representem um padrão de ordem de palavras bastante empregado.

Com relação à gramática que se desenvolve a partir do século XVIII, isto é, a partir de quando começa a fase não-V2 da língua, a proposta é a de que o movimento do verbo ocorra apenas até o domínio de I. O sujeito, por sua vez, seria alçado para SpecIP, que ainda seria uma posição exclusiva para sujeitos. Nesta configuração, o verbo permanece numa posição hierarquicamente mais baixa da que é ocupada pelo sujeito, o que nos leva a prever um aumento na preferência por sentenças S-V, como confirmam os dados.

5 O CONTATO DE LÍNGUAS E PERDA DO EFEITO V2 NO PORTUGUÊS E NO ESPANHOL

Os dados discutidos acima e o conhecimento de alguns aspectos históricos levam à indagação das possíveis relações entre questões sócio-históricas e linguísticas. A discussão da evolução gramatical do português mostra uma direcionalidade similar à que é observada na história do espanhol: tanto numa língua como na outra, o que se tem é a mudança de um sistema gramatical V2 para um sistema gramatical não-V2, como foi discutido anteriormente por Fontana (1993), Ribeiro (1995) e Torres Morais (1993) e retomado por Pinto (2011) e Antonelli (2011). No caso do português, também é legítimo perguntar se tal mudança se deve somente a fatores internos ou se fatores externos influenciaram a mudança linguística.

Poderia ser argumentado que, na história do português, à semelhança do que Pinto (2011) propõe para o espanhol, a perda do efeito V2 está associada a um aumento no uso de estruturas de frenteamento de objeto com retomada clítica. A princípio, essa hipótese parece razoável, já que, tal como no espanhol antigo, o português anterior ao século XVIII também permitia o frenteamento de objetos não-focalizados sem ou com retomada clítica, como mostram os exemplos abaixo.

(28) a. E [esta carta] **enviareis** lloguo ao ministro,

b. E [isto] **sabe-o** Deus e sabe-o Roma. (Gibrail, 2010, p. 89/118)

O fato a ser destacado, porém, é que, mesmo na variedade atual da língua, existe a opcionalidade de se ter um complemento fronteadado retomado ou não por um pronome resumptivo independente de questões de focalização, como exemplificado em (29).

(29) a. O bolo, o Pedro **comeu**.

b. O bolo, o Pedro **comeu-o**. (Costa, 2004, p. 12)

O espanhol atual, como discutido em Rivero (1980) e Olarrea (1997), também permite construções de deslocamento à esquerda (sem clítico) – chamadas *left dislocation* como em (30):

(30) Dinero, dicen que Maria cree que mucho, si que **tiene**.³⁸ (Rivero, 1980, p. 365)

O que está em jogo, portanto, é o fronteamento de objetos sem retomada clítica e o efeito V2 como equivalentes das construções de deslocamento à esquerda clítico – chamadas *clitic left dislocation*, construções que eram variáveis na fase antiga do espanhol como já mencionado acima. No caso do português, como a língua ainda continua exibindo ordem O-V sem retomada clítica, como mostra o contraste em (29), a hipótese de que a mudança na manifestação do efeito V2 se deve exclusivamente a fatores internos perde força.

Neste trabalho, gostaríamos de problematizar, de acordo com a discussão de Martins (2003), se a mudança linguística no português é desencadeada por fatores externos. Mais especificamente, nossa hipótese é que essa mudança linguística poderia ser o resultado de uma situação de contato com o espanhol durante a Idade Média até a separação definitiva das coroas em 1640 (cf. também Paixão de Sousa, 2004).

Primeiramente, como já apontado na literatura especializada, destacamos que o espanhol/castelhano³⁹ era a língua dominante em toda a Península Ibérica (cf. Lapesa, 1981; Cano Aguilar, 1997). Desde o desenvolvimento e expansão das

³⁸ Como se discute em vários trabalhos e é retomado por Pinto (2011), a possibilidade de objetos tematizados sem retomada clítica só é possível quando o objeto é indefinido, conforme o exemplo de Rivero (1980).

³⁹ É muito polêmica a questão de se a língua se chama “castellano” ou “español” tanto dentro como fora da Espanha. Não nos deteremos neste debate aqui. Para uma boa discussão histórica da questão, ver Alonso (1942).

línguas românicas na Península Ibérica no começo do processo de Reconquista até o fim dos 1600, o espanhol/castelhano se caracteriza como uma língua de grande prestígio não apenas no que veio a ser o território atual da Espanha, mas também no espaço geográfico do reino português, tendo em vista o grande destaque dos reinos castelhanos neste período. Em Portugal, a aristocracia cultivava um ambiente de diglossia “espanhol-português” como indicativo de cultura e status social. A literatura portuguesa, dentro deste contexto, se viu bastante influenciada pela literatura espanhola dos *Siglos de Oro*, época de maior auge literário espanhol. Por exemplo, Martins (2003: 201) diz que das 46 peças de teatro que Gil Vicente escreveu, 19 eram bilíngues, 12 foram escritas em espanhol e 15 em português⁴⁰.

O espanhol era falado como segunda língua em Portugal, o que, segundo Martins (2003), caracterizava uma variedade portuguesa do espanhol que a autora chama de *Castillian of Portugal* (Castelhano de Portugal). Recorrendo a conceitos da crioulística, a autora diz que o espanhol falado em Portugal era uma espécie de português relexificado, dadas suas semelhanças sintáticas com a língua de substrato (o português), exibindo, entre outros aspectos, infinitivo flexionado.

Outro aspecto a ser considerado diz respeito à cronologia da perda do efeito V2 nas duas línguas. Como já mostramos, no espanhol essa propriedade foi perdida entre os séculos XV e XVI. Já no português, as evidências trazidas para o debate por diferentes trabalhos apontam que a perda do efeito V2 aconteceu na passagem do século XVII para o século XVIII. Ou seja, em termos temporais, nota-se um lapso de tempo de 100 anos entre a mudança lingüística no espanhol e a mudança lingüística no português.

Tendo em conta os aspectos apontados acima, a hipótese que formulamos é que a mudança lingüística nas duas línguas teria se dado na seguinte dinâmica em quatro etapas:

- 1) Num estágio primeiro, de formação e consolidação dos dialetos regionais (cf. Walter, 1997), ambas as línguas possuíam uma gramática V2 devido às influências germânicas;
- 2) Num segundo momento, com o destaque dos reinos castelhanos durante a Reconquista, a gramática V2 do espanhol ainda manifestava estabilidade (e mais, foi reforçada pela chegada dos francos na Península Ibérica) e o impacto da situação de contato entre o português e o espanhol contribuía para que aquele também continuasse manifestando a propriedade V2. Ou seja, além de não haver um fator interno *per se* que pudesse desestabilizar o *input* dos indivíduos que adquiriam o português,

⁴⁰ Martins (2003) nota que a relação entre as duas línguas era assimétrica: apenas Portugal vivia numa situação de bilinguismo.

não havia também um fator externo, nesse caso, a pressão de uma língua de prestígio muito similar, que pudesse desestabilizar o ambiente linguístico em Portugal;

- 3) Um terceiro estágio acontece quando as evidências para a fixação da gramática V2 no espanhol passam a ser mais escassas no século XV, levando a uma consequente mudança gramatical nesta língua no século XVI;
- 4) Por fim, continua não havendo fatores internos no português que o levassem a uma mudança gramatical⁴¹. Contudo, dada a influência do espanhol na vida diária dos portugueses e o modelo linguístico dos escritores dos *Siglos de Oro*, que já não eram falantes de uma gramática V2, o português passa pela mudança gramatical perdendo a propriedade V2 entre os séculos XVII e XVIII.

O contato entre o português e o espanhol na sociedade portuguesa até o século XVII propiciou não somente a aparição de uma variedade do espanhol chamada por Martins (2003) de “Castelhano de Portugal” pelo menos na aristocracia e documentos escritos. Pode-se pensar, ademais, que o contato de línguas também provocou a mudança do português, tendo em vista que os modelos linguísticos e literários espanhóis dos *Siglos de Oro* exerceram bastante influência em partes da sociedade portuguesa do mesmo período.

Como a mudança linguística, dentro do quadro gerativista, é explicada a partir da fixação paramétrica diferente das gerações anteriores durante o processo de aquisição da linguagem, embora não houvesse nenhuma motivação interna inicial para a perda do efeito V2 no português, conforme aconteceu no espanhol, quando o espanhol perde o efeito V2 e continua influenciando o português como língua de superstrato, alguns falantes portugueses passam a usar construções não V2 decorrentes do contato, fazendo com que as crianças nascidas nesse ambiente não tivessem mais disponíveis evidências de que o português era uma língua V2. Em outras palavras, a motivação interna para a mudança linguística no espanhol nasce de forma independente; no caso do português, essa mudança é decorrente do contato das duas línguas, que pode ter acelerado o gatilho também já existente no português.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, olhamos para a diacronia do espanhol e do português no que diz respeito ao fenômeno V2 apresentando algumas das propostas centrais discutidas,

41 Talvez, já houvesse fatores internos que desencadeassem a mudança como as construções com “duplo que”, conforme aponta Ilza Ribeiro, em comunicação pessoal, a partir do trabalho de Ribeiro e Torres Morais (2009), e esse gatilho tenha sido acelerado pela perda do efeito V2 no espanhol.

independentemente, em nossas teses, Pinto (2011) e Antonelli (2011), às quais o leitor deverá se remeter para uma discussão mais minuciosa, com riqueza de dados empíricos e argumentação. Procuramos mostrar que o espanhol antigo era uma língua V2 e perdeu essa propriedade a partir do século XVI. Com relação ao português, procuramos mostrar que tal propriedade foi perdida a partir do século XVIII.

É certo que o tema escolhido é um campo de debate bastante fértil e controverso. Há um grupo de pesquisadores que defendem que as línguas românicas antigas são línguas V2 e há outro grupo de pesquisadores que defendem o contrário. Efetivamente, como discutido por Kayser (1999), há uma série de diferenças entre as línguas românicas antigas e as germânicas atuais com relação à ordem de constituintes e conseqüentemente com relação ao efeito V2, entre elas, menos restrições à ordem V1 e V>2 que o alemão atual. Kayser (1999) também pontua que há dados ambíguos entre uma gramática V2 e uma gramática não V2. A esse respeito, Pinto (2011) propõe, assumindo as discussões de Roberts e Rousou (2003) que, uma vez fixada a opção mais marcada do parâmetro, a criança estende essa opção a todas as construções. Em termos concretos, a ordem S-V é ambígua para o linguista e não para a criança.

Em segundo lugar, a comparação das românicas antigas não pode ser feita com relação às germânicas atuais, já que diversos estudos mostram que as germânicas atuais exibem um efeito V2 diferente do que se encontrava nas germânicas antigas. Neste sentido, como já discutido por Fontana (1993), assumimos que efeito V2 não é uma restrição linear, mas, pelo contrário, é uma restrição estrutural que implica em movimento do verbo para CP, explicando-se assim, o porquê de tais diferenças: as línguas V2 não são um grupo de línguas uniforme nem homogêneo.

Tais questões também estão relacionadas com o modelo teórico que se assume para explicar os fenômenos das línguas românicas antigas. Se uma visão cartográfica for assumida, há possibilidades de explicações, a nosso ver, mais elegantes. Por exemplo, podemos explicar como o movimento do verbo para CP é perdido no espanhol e no português a partir de dados meramente empíricos (a diminuição de construções sem retomada clítica⁴² e a emergência de construções com “duplo que”⁴³), que é o que a criança de fato tem para aprender sua língua⁴⁴.

42 Esta hipótese é levantada por Pinto (2011). Contudo, outros aspectos também precisariam ser quantificados: a diminuição nas construções de *object shift* e na ordem Aux-S-V.

43 Essa hipótese de Ilza Ribeiro parece ser a correta. Mesmo que a ordem O-V sem retomada clítica tenha diminuído, havia outras características (a ordem Aux-S-V, principalmente) que poderia garantir um *input* robusto para as crianças. Pode-se pensar que, com a emergência das construções com “duplo que”, todas as outras evidências de uma gramática V2 ficam opacas.

44 Não se pode esquecer que um dos pilares centrais da teoria gerativa é a adequação explicativa,

Em outros modelos, como os de Rivero (1992) e Martins (2003), foi proposto que havia a possibilidade de adjunção à projeção intermediária (X') no espanhol antigo, permitindo a ordem S-O-V, por exemplo. Esse modelo traz várias perguntas teóricas e empíricas. Em termos teóricos, como discutido pela própria Rivero (1992), umas línguas permitiriam adjunção à projeção intermediária e outras não. Pensando nas discussões do Programa Minimalista, acreditamos que esta possibilidade é bastante incoerente com o formato de faculdade da linguagem proposto. Em termos empíricos, qual teria sido o gatilho para a perda do scrambling, ou adjunção a X' , ao longo da história do português e do espanhol? E mais: uma vez que a proposta de explicação da mudança linguística dentro do quadro da gramática gerativa está relacionada com o processo de aquisição da linguagem (Lightfoot, 1991, 1998, 2006; Roberts e Roussou, 2003), quais seriam as evidências (ou falta delas) que a criança teria para mudar o tipo de adjunção durante o processo de aquisição?

Por fim, com relação ao tópico da influência do espanhol sobre o português, muitas questões se levantam e devem ser motivo de futuras investigações. Entre essas questões: qual foi a real expansão do espanhol na sociedade portuguesa? Foi uma expansão geral a toda sociedade ou estava restrita a um grupo determinado? Como o espanhol influenciou efetivamente a mudança linguística em Portugal? Nosso trabalho pretendeu mostrar um ponto de discussão que pode trazer novas questões e novos elementos para a história das duas línguas, deixando aberto um campo que pode render muitos frutos positivos para o seu estudo.

REFERÊNCIAS

Adams M. Old french, null subjects and verb second phenomena [Tese de Doutorado]. Los Angeles: University of California; 1987.

Alonso A. Castellano, español, idioma nacional: historia espiritual de tres nombres. 2 ed. Buenos Aires: Losada; 1942.

Antonelli A. Sintaxe de posição do verbo e mudança gramatical na história do português europeu [Tese de Doutorado]. Campinas: Universidade Estadual de Campinas; 2011.

ou seja, como uma criança sai do estado inicial da faculdade da linguagem e chega a uma língua particular. Em adição, quando é assumido que a aquisição da linguagem é o ponto central da mudança linguística, qualquer teoria que se faça sobre as línguas tem que pensar em como essa mudança foi implementada a partir do processo de aquisição da linguagem.

Antonelli A. O Clítico SE e a variação ênclise/próclise do português médio ao português europeu moderno [Tese de Doutorado]. Campinas: Universidade Estadual de Campinas; 2007.

Biberauer T. Verb second in afrikaans: is this a unitary phenomenon?. Stellenbosch Papers in Linguistics. 2002;34:19-69.

Bobaljik J, Jonas D. Subject positions and the roles of IP. Linguistic Inquiry. 1996;27:195-236.

Bouma G. Starting a sentence in dutch [Tese de Doutorado]. Groningen: Universidade de Groningen; 2008.

Cano Aguilar R. El español a través de los tiempos. Madrid: Arco/Libros; 1997.

Chirita D. Did latin influence german word order? Aspects of german-latin bilingualism in the Late Middle Ages. In: Braunmüller K, Ferraresi G, organizadores. Aspects of multilingualism in european language history. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins; 2003. p. 173-200.

Chomsky N. El programa minimalista. Trad.: Juan Romero Morales. Madrid: Alianza; 1995.

Chomsky N. Knowledge of language: Its nature, origin and use. New York: Praeger; 1986a.

Chomsky N. Barriers. Cambridge, Mass.: The MIT Press; 1986b.

Chomsky N. Lectures on government and binding. Dordrecht: Foris; 1981.

Cinque G. Bare quantifiers, quantified NPs, and the notion of operator at S-structure. In: Cinque G. Italian syntax and Universal Grammar. Nova Iorque: Cambridge University Press; 1995. p. 104-120.

Cinque G, Rizzi L. The cartography of syntactic structures. CISCL Working Papers. 2008;2:45-58.

Costa J. Subject positions and interfaces: the case of european portuguese. Berlim/N. Iorque: Mouton de Gruyter; 2004.

Costa J. Spec, IP ou deslocado? Prós e contras das duas análises dos sujeitos pré-verbais. D.E.L.T.A. 2001;17(2):283-303.

Costa J. Word order variation [Tese de Doutorado]. Leiden: Universidade de Leiden; 1998.

Cruschina S, Sitaridou I. From modern to old romance: the interaction between information structure and word order. In: The XI Diachronic Generative Syntax Conference. Campinas: Unicamp; 2009.

Demonte V, Fernández-Soriano O. Force and finiteness in the Spanish complementizer system. *Probus*. 2009;21:23-49.

Den Besten H. On the interaction of root transformations and lexical deletive rules. *Studies in West Germanic Syntax*. 1989;20:14-100.

DIESING M. Verb movement and the subject position in Yiddish. *Natural Language and Linguistic Theory*. 1990;8:41-79.

Fernández-Ordóñez I. Orden de palabras, tópicos y focos en la prosa alfonsí [Manuscrito]. Madrid: Universidad Autónoma de Madrid; 2009.

Fontana JM. Phrase structure and the syntax of clitics in the history of Spanish [Tese de Doutorado]. Pensilvânia: University of Pennsylvania; 1993.

Galves C. Do português clássico ao português europeu moderno: uma análise minimalista. *Estudos Linguísticos e Literários*. 1997;19:105-128.

Galves C, Britto H; Paixão de Sousa MC. The change in clitic placement from classical portuguese to modern european portuguese: results from the Tycho Brahe Corpus. *Journal of Portuguese Linguistics*. 2005;1:36-67.

Gerritsen M. Divergent word order developments in germanic languages: a description and a tentative explanation. In: Fisiak J, organizador. *Historical syntax*. Amsterdam: Mouton; 1984. p. 107-135.

Gibraíl A. Contextos de formação de estruturas de tópico e foco no português clássico [Tese de Doutorado]. Campinas: Universidade Estadual de Campinas; 2010.

Guerras MS. Os povos bárbaros. 3 ed. São Paulo: Ática; 1995.

Haider H, Prinzhorn M. Introduction. In: Haider H, Prinzhorn M, organizadores. Verb second phenomena in germanic languages. Dordrecht: Foris; 1986. p. 1-6.

Hernanz ML, Brucart JM. La sintaxis. Principios teóricos. La oración simple. Barcelona: Crítica; 1987.

Hinterhölzl R, Petrova S. From V1 to V2 in West Germanic. *Lingua*. 2010;120(2):315-328.

Jørgensen N. Meningsbyggnaden i Talad Svenska. Lund: Studentlitteratur; 1976.

Julien M. Embedded clauses with main clause word order in Mainland Scandinavian [manuscrito]; 2010.

Kayne R. The antisymmetry of syntax. Cambridge: MIT Press; 1994.

Kayser G. Sobre a alegada perda do sujeito nulo no português brasileiro. In: Lobo T et alii, organizadores. Para a história do português brasileiro, v. 6, tomo 2. Salvador: EDUFBA; 2006. p. 11-42.

Kayser G. A ordem das palavras e a posição do verbo finito no português antigo. In: Actas do Congresso Internacional Organizado por Motivo dos Vinte Anos do Português no Ensino Superior. Budapeste: Departamento de Língua e Literatura Portuguesas da Faculdade de Letras da Universidade Etövös Loránd; 1999. p. 248-259.

Kremer D. Hispania Germânica. En torno a las relaciones lingüísticas germano-hispanicas. In: Hempel W, Briesemeister D, organizadores. Actas del Colóquio hispano-alemán Ramón Menéndez Pidal. Tübingen: Max Niemeyer Verlag; 1982. p. 138-149.

Kroch A. Syntactic change. In: Baltin M; Collins C, organizadores. The handbook of contemporary syntactic theory. Oxford: Blackwell; 2001. p. 699-730.

Lapesa R. Historia de la lengua española. 9 ed. Madrid: Gredos; 1981.

Lightfoot D. How new languages emerge. Cambridge: Cambridge University Press; 2006.

Lightfoot D. Cue-based acquisition and change in grammars. In: Lightfoot D. The development of language, acquisition, change and evolution. Oxford: Blackwell; 1998. p. 144-177.

Lightfoot D. How to set parameters: arguments from language change. Cambridge/Massachusetts: The MIT Press; 1991.

Lightfoot D. Principles of diachronic syntax. Cambridge: Cambridge University Press; 1979.

Martins AM. From unity to diversity in romance syntax: A diachronic perspective of clitic placement in Portuguese and Spanish. In: Braunmüller K, Ferraresi G, organizadores. Aspects of multilingualism in european language history. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins; 2003. p. 201-233.

Mensching G. Old romance word order: a comparative minimalist analysis. In: The XI Diachronic Generative Syntax Conference. Campinas: Unicamp; 2009.

Olarrea A. Pre- and postverbal subject positions in spanish: a minimalist account [Tese de Doutorado]. Washington: University of Washington; 1997.

Paixão de Sousa MC. Língua barroca: sintaxe e história no português nos anos 1600 [Tese de Doutorado]. Campinas: Universidade Estadual de Campinas; 2004.

Pinto CF. Ordem de palavras, movimento do verbo e efeito V2 na história do espanhol [Tese de Doutorado]. Campinas: Universidade Estadual de Campinas; 2011.

Pinto CF. Orden OV, duplicación clítica y estructura informativa en la historia del español. In: III Simpósio Internacional de Lengua Española. São Paulo: Instituto Cervantes; 2010.

Ribeiro I. Completivas com duplo-que no português arcaico. In: Lobo T et al, organizadores. ROSAE: linguística histórica, história das línguas e outras histórias. 1 ed. Salvador: EDUFBA; 2012. p. 75-92.

Ribeiro I. A sintaxe da ordem no português arcaico: o efeito V2 [Tese de Doutorado]. Campinas: Universidade Estadual de Campinas; 1995.

Ribeiro I.; Torres Morais MA.. Doubling-que embedded constructions in old portuguese: a diachronic perspective. In: The XI Diachronic Generative Syntax Conference. Campinas: Unicamp; 2009.

Rinke E. Verb placement in old portuguese. In: Dufter A, Jacobs D, organizadores. Focus and background in romance languages. Amsterdam: John Benjamins; 2009. p. 309-332.

Rivero ML. Clitic and NP Climbing in Old Spanish. In: Campos H, Martinez-Gil, Organizadores. Current studies in spanish linguistics. Washington: Georgetown University Press; 1992. p. 241-282.

Rivero ML. On left dislocation and topicalization in spanish. *Linguistic Inquiry*. 1980;11(2):363-393.

Rizzi L. The fine structure of the left periphery. In: Haegeman L, organizador. Elements of grammar. Kluwer: Dordrecht; 1997. p. 281-337.

Roberts I. Diachronic syntax. Nova Iorque: Oxford University Press; 2007.

Roberts I. The C-System in brythonic celtic languages, V2 and the EPP. In: Rizzi L, organizador. The Structure of CP and IP. The cartography of syntactic structures. v. 2. Oxford: Oxford University Press; 2004. p. 297-328.

Roberts I, Roussou A. Syntactic change: a minimalist approach to grammaticalization. Cambridge: Cambridge University Press; 2003.

Santorini B. Two types of verb second in the history of Yiddish. In: Battye A; Roberts I, organizadores. Clause structure and language change. Nova Iorque, Oxford: Oxford University Press; 1995. p. 53-79.

Santorini B. The generalization of the verb-second constraint in the history of Yiddish [Tese de Doutorado]. Pensilvânia: University of Pennsylvania; 1989.

Suñer M. V-movement and the licensing of argumental wh-phrases in Spanish. *Natural language and linguistic theory*. 1994;12:335-372.

Taraldsen KT. On verb second and the functional content of syntactic categories. In: Haider H, Prinzhorn M, organizadores. *Verb second phenomena in germanic languages*. Dordrecht: Foris; 1986. p. 7-25.

Thráinsson H. V1, V2 e V3 in Icelandic. In: Haider H, Prinzhorn M, organizadores. *Verb second phenomena in germanic languages*. Dordrecht: Foris; 1986. p. 169-194.

Torres Morais MA. *Do português clássico ao português europeu moderno: um estudo diacrônico da cliticização e do movimento do verbo* [Tese de Doutorado]. Campinas: Universidade Estadual de Campinas; 1995.

Torres Morais MA. Aspectos diacrônicos do movimento do verbo, estrutura da frase e caso nominativo no português do Brasil. In: ROBERTS I, KATO M, organizadores. *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp; 1993. p. 263-306.

Tuten D. *Koineization in Medieval Spanish*. Berlin/Nova Iorque, Mouton de Gruyter; 2003.

Vikner S. *Verb movement and expletive subjects in the Germanic languages*. Oxford: Oxford University Press; 1995.

Walter H. *A Aventura das línguas no ocidente: a sua origem, a sua história, a sua geografia*. Trad.: de Sérgio Cunha dos Santos. São Paulo: Mandarin; 1997.

Zubizarreta ML. *Prosody, focus, and word order*. Cambridge, Mass.: The MIT Press; 1998.